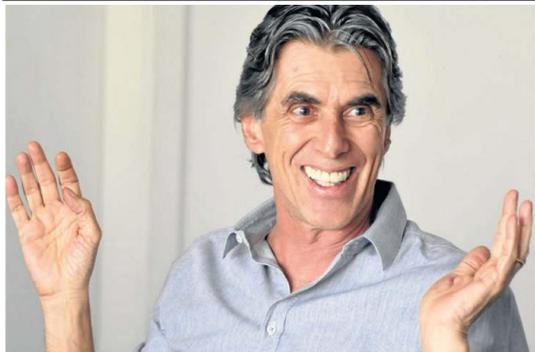


Diversão & Arte

ATOR, PRODUTOR, DIRETOR E GESTOR CULTURAL, GUILHERME REIS MORREU ONTEM, AOS 70 ANOS, EM DECORRÊNCIA DE UMA PNEUMONIA. EX-SECRETÁRIO DE CULTURA, ELE FOI TAMBÉM UM DOS FARÓIS DA CENA DO TEATRO EM BRASÍLIA

Helio Montferre/Esp. CB/D.A Press



Helio Montferre/Esp. CB/D.A Press



Helio Montferre/Esp. CB/D.A Press



VISIONÁRIO DO TEATRO BRASILIENSE

» JULIA COSTA*
» NAHIMA MACIEL

Um dos nomes mais importantes do teatro contemporâneo de Brasília, o ator, diretor, produtor e ex-secretário de Cultura Guilherme Reis morreu ontem, aos 70 anos, após alguns anos lutando contra um enfisema pulmonar. O corpo será velado hoje, das 12h30 às 15h, na Sala Martins-Pena do Teatro Nacional Claudio Santoro. Reis deixa dois filhos, Marina e Gabriel, netos e a companheira, a atriz Carmem Moretzsohn.

Nascido em novembro de 1954, em Goiânia, Luis Guilherme Almeida Reis se mudou para Brasília em 1960 e iniciou a carreira de ator no teatro, aos 18 anos. Esteve em peças como *Os Saltimbancos*, *O Noviço*, *A vida é sonho*, *O Exercício*, *Pequenos Burgueses*, *Um grito parado no ar* e *Caça aos ratos*. Em entrevista ao *Correio*, Guilherme contou que descobriu os palcos na escola: "A magia daquela salinha escura e o ritual do teatro me pegaram de cara."

Fisgado, o jovem acabou por construir carreira cuja trajetória faria parte da história do teatro brasiliense. Reis trabalhou ao lado de diretores, como Antônio Abujamra, Zeno Wilde, B. de Paiva e Hugo Rodas. Com esse último, desenvolveu uma espécie de irmandade. "Somos irmãos, ele foi uma importante escola", dizia.

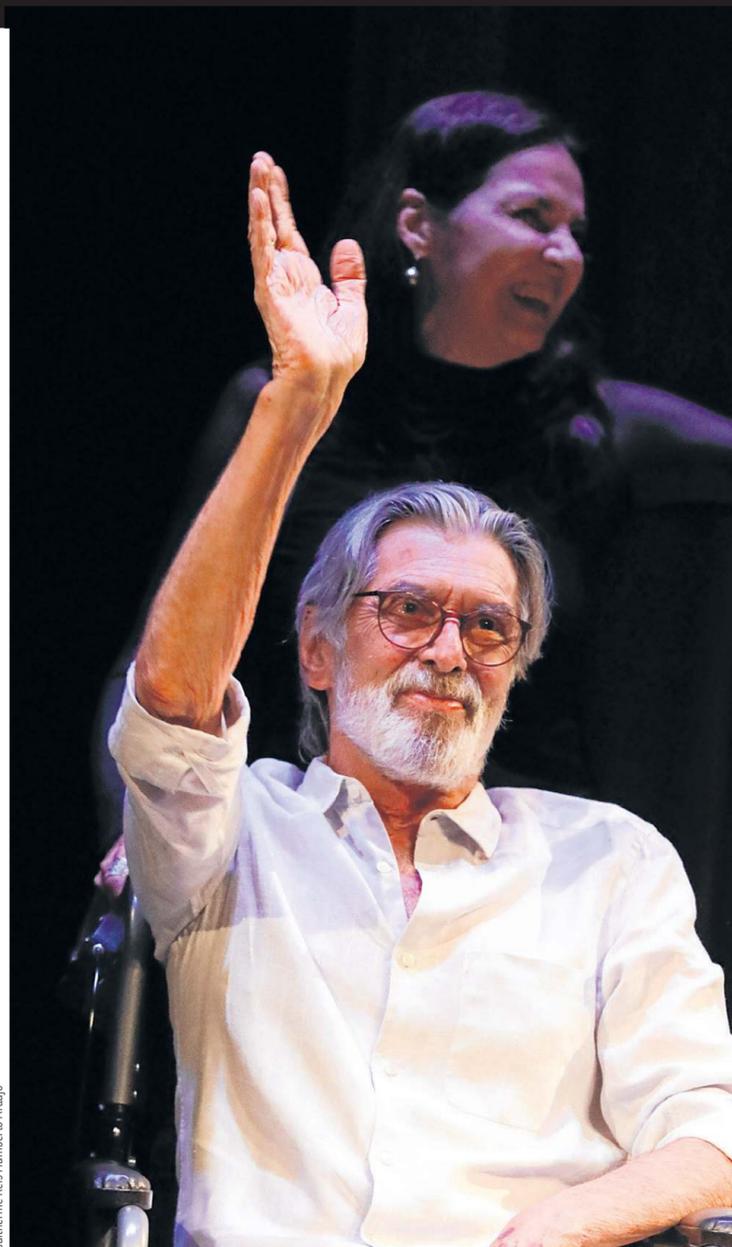
O primeiro trabalho como diretor veio oito anos após a estreia, em 1980, com a peça *A Revolução dos Bichos*, uma adaptação do clássico de George Orwell. Nos anos seguintes, ele dirigiu ainda *Chapeuzinho Amarelo* (1981), *Pedro e o Lobo* (1983), *A hora do pesadelinho* (1991), *Reta do fim do fim* (Prêmio Villanueva de Melhor Espetáculo Estrangeiro de 1997 em Cuba), *Movimentos do desejo* (1998) e *Réveillon* (1999). Entre 2005 e 2008, dirigiu e produziu uma trilogia a partir de textos dos autores argentinos Santiago Serrano e Patricia Suárez, com o Grupo Cena.

Reis também teve uma passagem pelo cinema. Em 1992, participou de *O sonho não acabou*, dirigido por Sérgio Rezende. Ele fazia parte de um elenco formado por Miguel Falabella, Lúcia Veríssimo e Daniel Dantas. Atuou ainda em *A república dos anjos* (1991), *O cego que gritava luz* (1996), *O tronco* (1999) e *Sagrado segredo* (2009). Em 2016, dirigiu o musical *Dentro da caixinha*.

Nas últimas três décadas, teve atuação importantíssima na área de produção cultural. Em 1995, ele criou o Cena Contemporânea, festival que se consolidou como um dos mais importantes na área de dramaturgia do DF. À frente do evento como diretor e curador até a edição mais recente, encerrada em 7 de setembro, trouxe a Brasília algumas das produções mais importantes do cenário nacional e da América Latina. "Nos primeiros trabalhos, percebi que não havia produtor, alguém teria que assumir essa posição", explicou ao *Correio* durante entrevista em 2009. Antes do Cena, realizou duas edições do Festival Latino-americano de Cultura, na Universidade de Brasília (UnB) e o Temporada Nacional, projeto da Faculdade Dulcina, que trazia à cidade um grande nome do teatro por mês, como Fernanda Montenegro e Antunes Filho.

Reis acreditou no sucesso do festival desde o início. "Imaginava (que se tornaria um evento internacional) sim, porque a gente tem a pretensão de achar o que faz importante. Há um espaço bacana para o festival se ampliar, não no sentido de crescimento físico, mas no de atingir outras plateias, quebrar o preconceito da classe A, que paga R\$ 600 para assistir ao Cirque du Soleil. Com esse valor, você assistiria a 80 espetáculos do Cena", contou ao *Correio*.

Em 2015, assumiu o cargo de secretário de Cultura do GDF, durante o governo de Rodrigo Rollemberg (PSB). À frente da Secretaria de Cultura, ajudou a dar forma à Lei Orgânica da Cultura, que estabeleceu o Sistema de Arte e Cultura do DF, composto por órgãos e entidades da Administração Pública e destinado à formulação, financiamento e gestão de políticas públicas de cultura no Distrito



Guilherme Reis/Humberto Araújo

Com Carmem Moretzsohn na celebração do Cena Contemporânea em agosto

Roberto Sanson/Divulgação



Alexandre Ribondi e Guilherme Reis na peça *Besame Mucho*

Federal, e definiu regras para o financiamento à cultura. Foi responsável também pelas reformas do Espaço Cultural Renato Russo e Centro de Dança de Brasília. "Era uma das pessoas mais queridas que conheci. Um amigo! Uma energia contagiante! Um artista! Um produtor! Um ser brilhante! Um secretário de Cultura que me enche de orgulho e gratidão, lembra Rodrigo Rollemberg.

levaria um susto com a quantidade de estabelecimentos, festas, prestadores de serviço. O outro lado da ação do governo, ou melhor, da omissão do governo é a falta de compreensão da cultura como um processo de inclusão social e cidadania. Não se pode simplesmente resolver o problema do Cine Brasília, do Teatro Nacional e da 508 Sul. Há que se ter uma política de Estado", ponderou.

REPERCUSSÃO

Comprometido com a diversidade

O comprometimento de Guilherme Reis com Brasília e com a cena cultural da cidade é um dos pontos que coincide em praticamente todos os depoimentos de atores, diretores, amigos e agentes culturais da cidade. "Construí essa cidade, a identidade dessa cidade, por meio do teatro, construíu o que é ser de Brasília através da linguagem do teatro", garante o ator Murilo Grossi.

Diretor, ator e professor aposentado da UnB, João Antônio lembra que trabalhou ao lado de Reis em diversas produções desde 1974, quando foram apresentados por Laís Aderne. Juntos, fizeram *O homem que enganou o diabo*, de Luiz Gutemberg, que inaugurou o Teatro Galpão. Em 1993, Antônio foi dirigido por Reis em *Pedro e o lobo* e, nos anos seguintes, os dois fizeram peças como *Réveillon*, de Flávio Márcio, que inaugurou o hoje fechado Teatro Goldoni, entre outras. "Guila deixa um lindo rastro no coração de Brasília, dos artistas, dos apreciadores de arte e beleza e de todos os que conviveram com ele", diz João Antônio.

Para a atriz Iara Pietricovsky, falar de Guilherme Reis é falar da história do teatro de Brasília, uma trajetória que começa nos anos 1970. "Ele aparece e traz uma energia, um desejo enorme de construir e ser parte desse processo da arte de Brasília, especialmente o teatro", conta a atriz. Ela lembra que o Cena Contemporânea foi fundamental para a cidade. "Um festival internacional que trazia gente do mundo inteiro, com um nível de excelência que em poucos festivais a gente pode ver aqui no Brasil. O Guilherme era uma força propulsora, uma força imensa, inquieto, ativo, que não parava de pensar e de realizar coisas", diz Iara.

O diretor e jornalista Sergio Maggio lembra que Reis construiu um "território poderosíssimo" de teatro para Brasília e para o Brasil. "Todos nós fomos impactados na forma de fazer teatro, na forma de viver teatro, na forma de acreditar em teatro por meio do Cena Contemporânea e por meio do Guilherme", destaca.

Secretária-executiva da Fundação Athos Bulcão, Valéria Cabral diz que Guilherme Reis e Hugo Rodas formavam os pilares do teatro contemporâneo brasiliense. A dedicação como ator, produtor e gestor cultural ajudaram a construir um cenário de valorização da produção local, mas também de formação e expansão do teatro. "A alegria do Guilherme e a dedicação à arte e à cultura são um legado para nós. E continuaremos, na medida do possível, realizando todo o trabalho que o Guila deixa em nossos corações e em nossas mãos, com essa partida que deixa a gente muito triste", diz Valéria.

Doce, firme, visionário, obstinado, Reis idealizou e tornou realidade um dos festivais mais importantes de Brasília e do Brasil, o Cena Contemporânea, aponta a atriz Adriana Mariz. "Um feito extraordinário em um país de tantas instabilidades e falta de recursos para as artes. Um verdadeiro guerreiro da resistência cultural", diz.

"Grande homem do teatro", é como o ator Chico Sant'Anna descreve Reis, que o dirigiu em *Fronteiras*, de Santiago Serrano, e com quem dividiu o palco em *Demônios*, adaptação do romance de Dostoiévski. "Era um diretor criativo, sensível e exigente e o resultado dos seus espetáculos era sempre magnífico. Com ele aprendi muito", garante. Sant'Anna trabalhou como produtor no Cena Contemporânea, ao lado de Reis, durante 10 anos.

Silvestre Gorgulho, que foi secretário de Cultura do DF em 2010, lembrou da riqueza e da diversidade proporcionados pelas peças do Cena Contemporânea. "Guilherme Reis deixa um vazio na cultura candanga, ele engrandeceu a cultura de Brasília como gestor, como artista e como produtor cultural", disse. Bartolomeu Rodrigues, também ex-secretário de Cultura, lembrou da generosidade do ator e produtor. "Guilherme Reis foi o primeiro ex-secretário de Cultura a me visitar quando assumi a pasta, pouco antes da loucura da covid-19. Me deu uma aula e me fez pensar seriamente como sobreviver àquela aventura. Me mostrou marcas no braço: 'Cada uma representa um carnaval', disse num tom de brincadeira séria. Mirei no seu exemplo para não sofrer sequelas, acreditando que é para frente que se anda e é lutando que se conquista", disse Rodrigues.

Em nota, o Ministério da Cultura lamentou a morte de Reis. Segundo a nota, ele "ampliou os horizontes e trouxe a Brasília espetáculos de grande relevância". Também lembrou que Reis presidiu o Fórum Nacional de Secretários e Dirigentes Estaduais de Cultura em 2015, mesmo ano que assumiu a Secretaria de Cultura do Distrito Federal. "Seu legado permanecerá vivo no teatro", diz a pasta.

Colaboraram Beatriz Laviola*

e João Pedro Carvalho*

*Estagiários sob a supervisão de José Carlos Vieira